

O DIA PRIMEIRO

Maria de Fátima Candeias

*“Disse Deus: Haja luz; e houve luz.
E Deus viu que era boa a luz.”
Génesis*

Dizem que sou especial, única. Que embelezo, vivifico, transformo, enfim, sou prestimosa. Será. Talvez por influência do mar, pelo grau de incidência do sol na crosta terrestre. Não sei, mas interessa-me pouco. A importância é de outro teor, mais intimista, talvez, ou mais humana, não sei bem.

O que me importa é, por exemplo, a velha Cacilda, eternamente sentada por dentro da vidraça, alongando os olhos lacrimejantes no olival perene, atenta ao arrepio da folhagem no passar da brisa e às cintilações prateadas que suscito, na busca ansiosa de ver as primeiras azeitonas, ainda verdinhas, que darão o azeite apaladado, em que molha bocadinhos de pão e lhe trazem as saudades da apanha, quando o corpo ainda não se queixava, da satisfação de recolher as mantas cheiinhas depois de varejados os ramos, de ajudar no carregamento para o lagar; e das que o pai trazia para casa numa selha e fazia-se a salmoura, ou então comiam-se retalhadas, ainda ácidas, polvilhadas com oregãos. O azeite era ouro, poupado e idolatrado, mirava-se e remirava-se nas garrafas pequenas que eu atravessava, apreciava-se a cor, o encorpado, a transparência, o odor, e saboreava-se de mansinho, como rara iguaria.

Alegram-na também os pássaros voejando por cima do olival, saltitando de ramo em ramo ou riscando os céus, em suas danças ágeis e leves, as acrobáticas andorinhas, o tenaz e ponderado milhafre, o melro sagaz, as pegas atrevidas, os piscos de peito laranja, os pardais assustadiços. Os irmãos, em cachopos, apanhavam sem dó os taralhões, nas costelas onde prendiam o isco, uma agúdia, semelhante a uma formiga muito grande mas com asas. Vinha o primeiro, bicava-a e zás, a costela fechava sobre o pobrezinho, deixando-o vivo e imóvel no seu côncavo. Então tiravam-no, passavam um fio pelos buraquinhos do bico e prendiam-no perto da costela, outra vez armada com nova agúdia. O desgraçado piava e chamava outros, e era vê-los a correr para o isco e a serem caçados. Torciam-lhes

o pescoço e guardavam-nos num saco. Quando o montante chegava para o almoço, abalavam para casa. Comiam-nos fritos com arroz, são mais gordinhos do que os pardais, têm mais carne, mas também são mais bonitos, peito branco, cabeça acobreada, asas castanhas e brancas. Mas os taralhões só vinham em Setembro, quando as andorinhas debandavam.

Vasculha a terra, imaginando as salamandras da infância, escondidas sob as pedras perto do arroio e a que por força queria deitar a mão por as achar bonitas no seu pintalgado amarelo. Mas aqui não aparecem, são bicho de humidades, não desta secura onde mesmo a urze desponta a custo. Às vezes afigura-se-lhe uma fuinha enfiando-se na lura, mas descrê, é animal de surtidas nocturnas, estancia no monte onde há desniveis e socalcos e locais esconsos para apanhar as presas.

Ademais, aflora o olhar pelo azul ridente do céu, pela vastidão onde pontilham os sobreiros com sua cortiça, de que o pai lhe fazia casinhas e bonecos, até ao horizonte onde a serra se dilui. Que seria dela sem mim? São dias inteiros sempre ali, um suspiro aquietado a ritmar o pensamento, os dedos trémulos a roçarem a testa ou a face, num gesto de quem mergulha num tempo antigo em que a dor se esbateu devagarinho e só vai restando uma memória benigna. Cacilda é quase centenária. Move-se a custo, ouve mal, mas o olhar conserva a nitidez de outrora. Por isso se senta à janela de manhãzinha e aí fica até que eu me retire complacente e a noite sonegue as formas e as cores. Como a sua casa é das últimas da aldeia, poucos são os que por lá passam, mas esses acenam-lhe sempre, num sorriso de quem reencontra a segurança do imutável, o conforto do aconchego familiar. E ela levanta os dedos esquálidos como quem diz “ainda aqui estou”. E lembra-se. Lembra-se do antigamente, quando o Ti Francisco arrastava a mula carregadinha para o moinho e a cumprimentava simulando o tirar do chapéu. Uma mula, ou um macho, costumava dizer-lhe o pai, resultam do cruzamento de um cavalo com uma burra. Ou de um burro com uma égua, acrescentava ela. Não, rapariga, o burro é pequeno para a égua, não chega lá. E ria-se, o pai. Ela era tamanhinha então, ainda não tinha os irmãos todos que vieram depois, mas o pai falava como se ela fosse crescida, punha-lhe a mão na cabeça, afagava-lhe as tranças em que eu multiplicava cintilações douradas. Se por acaso rondava perto o Ti Joaquim, que em miúdo ajudara à missa, soltava o resmungo risonho, orgulhoso de um latinório do Eclesiastes reduzido a duas palavras: Ah vanitas, vanitatis, essas

tranças vão ser a tua perdição, rapariga, se eu fosse teu pai cortava-tas, não fosse o diabo tecê-las...!

Mas não, nem o pai lhe cortara as tranças nem foram elas a sua perdição, que nem isso se pode chamar à paixão secreta por um dos filhos do professor. Terei tido a minha quota parte de responsabilidade no caso, porque era Junho e eu iniciava a manhã intensa e nítida e exaltava tudo o que tocava, de modo que Cacilda foi apanhada de supetão quando incidi nos olhos azuis do rapaz, que saía a porta a que ela se preparava para bater, uns olhos como a pequena nunca vira, ou assim entendeu, de tão líquidos e meigos, tão claros e brilhantes, que lhe sorriram com uma voz alegre: Olá, entra. A minha mãe ciranda por aí. E retrocedendo um passo, elevou o tom, Ó Mãe, está aqui a Cacilda! Depois, encarando-a de novo sempre a sorrir, Bom trabalho e até logo! E desandou. Ela ficou estática, presa àqueles olhos que diria como o mar, se alguma vez o tivesse visto, mas nunca dali saíra, só o conhecia do que aprendera na escola, das imagens, poucas, que não lhe davam a imensidão, o movimento, o marulho. E Imaginava-o como um rio muito grande, tão grande que lhe fazia medo. A voz de dona Leopoldina estalou no cimo da escadaria a chamá-la, e assim iniciou o trabalho em casa do senhor professor, e a sua paixão, que todo o dia os olhos do rapaz não a largaram, tanto mais que o voltou a ver ao almoço, embora de fugida. E o Verão esgueirou-se, a cruzarem-se no corredor, na sala, na cozinha, reduzido a um Olá Cacilda, ou Bom-dia Cacilda, Até amanhã Cacilda, a que ela respondia assustadiça, o coração descompassado a atordoá-la, a deixá-la zozza e ruborizada. Prestava atenção desmesurada aos diálogos em que o nome dele surgisse, e ia-lhe compondo a história de filho mais velho, preparando-se para ir estudar para Lisboa (e ela sentindo saudades antecipadas), bom rapaz, brincalhão, de bom trato, e que seguramente teria rendidas todas as raparigas que quisesse, de tão bonito que era e com aqueles olhos. Quando finalmente ele abalou para a capital, achou que ia morrer, perdeu o apetite, dormia pouco e mal, ficou olheirenta. O professor chamou o pai, fazendo-lhe ver que talvez a devesse levar ao médico. Ela temeu o pior, o seu segredo desvendado, a vergonha a aniquilá-la, e convenceu os dois homens que tinha sido o Verão, de tão quente, que lhe fizera mal, e lhe tirara o apetite. E prometeu que numa semana estaria bem. O pai olhou-a desconfiado, mas o professor sorriu, Muito bem, dou-te uma semana. Se daqui até lá não melhorares vais mesmo ao médico, entendido?

O certo é que fosse ou não do susto, Cacilda recomeçou a comer e melhorou, embora todas as noites adormecesse na almofada repassada de lágrimas silenciosas.

Pouco depois do Ano Novo, o escândalo estourou. Ela foi ouvindo uma frase aqui outra ali e escutou às portas, à sorrelfa, porque percebeu que o problema eram os olhos azuis. E juntando pedaços e conclusões, ficou a saber que o senhor professor recebera uma carta de Lisboa, de alguém que o avisava que o filho era um estroina, gastava a mesada no teatro, numa carruagem que alugara, não ia às aulas, estava atolado em dívidas. Num pé de vento, o professor partiu para a capital, garantindo à mulher que trazia o filho de volta a bem ou a mal. E assim foi. Dois dias depois regressaram, José entupido e cabisbaixo. E foi a revolução familiar: interrupção dos estudos dos mais velhos, os pequenitos continuariam na escola onde eram alunos do pai; José e o irmão a seguir tomariam conta da loja do rés-do-chão para se poder despedir o empregado, o terceiro filho ia viver na serra, na cabana do pastor, também ele dispensado, a cuidar do pequeno rebanho de cabras, e só viria a casa ao sábado. A única rapariga substituiria Cacilda nas lides domésticas. E Leopoldina teria de apertar os cordões à bolsa, conter todas as despesas, inventar refeições económicas. Empenhei a minha palavra, disse o professor, temos dois anos para pagar o que pedi emprestado, porque as dívidas em Lisboa ficaram saldadas, e para repor as finanças de modo a que os estudos sejam retomados. A situação é grave, espero que compreendam que depende de cada um de nós levar o barco a bom porto.

Cacilda ficou estarrecida. Agora que ele voltara, ia-se ela embora. Num desmaio arrastou-se até à cozinha a emborcar um púcaro de água fresca e sentou-se, à espera. Sabia que a senhora viria da sala para a despedir e não tinha ânimo de se mexer.

Desenfreou para casa desaustinada, a contar aos pais o sucedido. A mãe fez um gesto de desimportância, A vida é assim, quando menos se espera elas acontecem. Não te apoquentes, eles lá se hão-de arranjar. O pai passou-lhe a mão na cabeça, A vida é injusta é, são os que menos merecem que mais sofrem, e o senhor professor não merecia isto, é um homem direito como há poucos e bom, não merecia. Mas não te rales, cachopa, olha, por mim fico contente de te ter outra vez aqui todo o dia, a ajudar, a alegrar a casa. E quanto ao dinheiro, não faz falta, estávamos a juntá-lo para o teu futuro, não se gastou um tostão. E o pai sorriu, Vá,

deita para trás das costas, o que lá vai lá vai, pensemos no dia de amanhã que há-de ser melhor.

Já eu empalidecera quando, à ceia, a moça, de rajada, despejou o que maquinara toda a tarde, Ó meu pai, se vocemecê mais a mãe me deixassem, eu podia dar uma saltada de manhã a casa do senhor professor para ajudar na lide, que a menina é tão pequena ainda que não sei como vai ser capaz, não era preciso pagarem-me nada, dava uma ajudazita e abalava. E Cacilda fitava ora um ora outro dos progenitores, a palma das mãos húmida, a respiração dificultosa. Quedos, o gesto travado de incompreensão e surpresa, olharam-na também, a mãe perscrutando o que as palavras não diziam, na senda de qualquer coisa desconhecida e oculta que lhe escapava, o pai procurando a resposta adequada, E tu achas que o senhor professor aceita isso, que trabalhes sem receberes nada? Nã, não me parece, é capaz até de ficar desfeitoado... Determinada, a filha interrompeu-o, Deixe-me ir falar com ele, meu pai, eu convenço-o, vai ver, pelo menos deixe-me tentar, não se perde nada... O pai pigarreou, coçou a cabeça, olhou a janela que o breu enchia, e depois pegou-lhe nas mãos, Sabes qual é o teu mal? Tens um coração mole demais, mas antes assim que de pedra. Se a tua mãe achar bem, por mim, podes ir, mas pensa bem no que vais arrazoar e como. Então mulher, não dizes nada? Ela fitou-o, determinada, Que queres que diga? Eu acho mal, mas se tu consentes, está consentido. E meteu um bocado de pão à boca, num ponto final.

No dia seguinte, a moça pôs-se à porta da escola e logo que o professor saiu, disparou, Boa tarde, senhor professor, estou aqui para lhe pedir um favor. O professor estacou interrogativo, E que favor é esse? Cacilda granjeou coragem, Mas antes do favor, tenho de lhe fazer uma pergunta. Ai sim? Bom, venha ela. O senhor professor lembra-se de mim na escola, quando fui sua aluna? Hom'essa, então não me havia de lembrar? E como é que eu era, quer dizer, era boa aluna ou não? Mas tu estarás bem da cabeça? Então eu não disse ao teu pai que devias seguir os estudos? Que eras inteligente e aplicada e que seria uma pena ficares só com a quarta classe?! Pois disse, eu sei, estava só a ver se se lembrava... é que o favor era... era ver se o senhor professor me podia dar umas lições, de coisas que não aprendi na escola, e em troca eu trabalhava lá em casa, por exemplo, dava-me uma

lição por semana e eu ia todas as manhãs ajudar na lide. O professor atentou no longe, depois fixou o chão, volteando na garganta as palavras entaladas. Então encarou-a: Olha, Cacilda, eu devia perguntar-te porque só te lembraste disto agora, seis anos depois de teres acabado a escola, mas não pergunto, que a bondade deve ser respeitada e venerada. Diz-me só: o teu pai sabe e consente? Ela não hesitou, Consente sim senhor. Então dá cá um aperto de mão a fecharmos o negócio, embora ele me pareça um pouco desequilibrado, tantas manhãs de trabalho para uma aula só... Não, não, não é nada, porque o que o senhor professor me vai ensinar vale muito mais do que tudo o que eu poso fazer lá em casa! O professor riu. Bom, pensaste em tudo, está visto. Muito bem, combinemos assim: ao sábado, aí pelas quatro horas, bates-me à porta e eu vejo o que poderás aprender até à ceia. Que te parece? Parece-me o paraíso, senhor professor! E esticando o pescoço roçou-lhe um beijo rápido na face e fugiu, gritando ainda, Diga à dona Leopoldina que amanhã lá estarei como de costume! E correu rua baixo sem sentir o chão debaixo dos pés.

Foram dois anos assim, José a assomar de fugida, Cacilda a exultar sempre que ia à loja buscar qualquer coisa ou dar algum recado, a cabeça a dizer-lhe que era tola, que José mal sabia que ela existia, e o coração a gritar que era ele e só ele e nunca haveria outro. Ao fim desse tempo, com as finanças já recuperadas, o professor mudou-se com a família para o Porto, procurando proporcionar aos filhos mais velhos a entrada na universidade, e ela soube, com a dureza duma pedra, que era o fim. Não da sua paixão, que essa ficaria no fundo mais recôndito de si para o resto da vida, mas daquele enleio, daquele sonho em que vivera, daquela magia que lhe suspendera a realidade e lhe sustentara uma existência feliz. E agarrou-se às lembranças, à memória miudinha não só de José mas da família, das lições com o professor em quem descobriu o homem que não conhecera na escola, e no qual a bondade se mesclava de um humor irreverente e de uma alegria traquina, que temperavam a seriedade e o respeito que infundia. As lições eram conversas fabulosas sobre os mais variados temas, que percorriam as ciências, a geografia, a filosofia, a literatura, a arte, enfim, tudo o que, a partir de uma insignificância como a minha incidência no mostrador de um relógio, suscitava ao mestre-escola pretexto para ensinar. Cacilda recordava tudo isso mitigando a dor que a emudecia e a picava com o frenesim do trabalho, sem parança, no campo com o pai, em casa com a mãe, o que os ensimesmava, incapazes de suspeitar a causa deste

acontecer. E tal era a solicitude da rapariga até para a vizinhança, que se tornou o ai-jesus da aldeia, porque a todos ajudava, na vida e na morte, na doença e na saúde. A nada se negava, não conhecia cansaço. E começaram a chamar-lhe o nosso anjo da guarda.

O tempo foi passando. Cinco anos depois, a inquietude e a dor opressiva que tudo rói por dentro suavizavam-se, adormecia sem lágrimas, uma pequena paz envolvia as recordações do passado. Dias somaram-se a dias, a juventude esfumou-se e, quando os pais morreram, ficou sozinha. Depois, já velha, uma sobrinha levou-a para sua casa. É com ela que ainda hoje vive, num doce entendimento.

Passa os dias por dentro da vidraça, enquanto eu não desapareço. E lembra, lembra sempre, mas por um destino incognoscível, é o professor e a mulher, mais do que José, que lhe surgem, ela a expor ao sol fatias de maçã em tabuleiros cobertos de panos alvíssimos, que ficavam doces e se mascavam com prazer, ele, de personalidade invulgar, a pendurar do tecto cachos de uvas, com o mesmo carinho com que atirava ao poço, de sorriso travesso, e para refrescarem, melancias que sabia que se rachariam a meio, ou a podar o pessegueiro insistentemente, porque sempre lhe parecia desalinhado, até não restar nada. E ri sozinha quando visualiza, como se fosse presente, a cena, várias vezes repetida, em que ele, na rua, perante uma vizinha com quem se cruzava e a quem perguntava, por delicadeza, como passava, tinha de ouvir um rol interminável de queixas, que iam das dores de dentes ao reumático e da surdez à dor nas pernas. Então, com o ar mais sério que a situação exigia, respondia: Olhe, vou-lhe dar uma receita que a livrará de todos os males. Lave uma panela muito lavadinha, deite-lhe água, uma folha de louro e um fiozinho de azeite. Ponha ao lume com três palhas alhas, três caganitas de cabra, três peidos meus e outros tantos seus - altura em que a visada, virando costas, resmungava, Ora adeus, lá está o senhor professor com as suas brincadeiras, já não se pode uma criatura queixar...

Importa-me Cacilda - como a parte pelo todo - porque, mais do que ser a luz mediterrânica que dizem especial, sou eu que lhe permite ver para lá da vidraça, e vendo, lembrar, e lembrando, viver.